
TEOLOGIA HISTÓRICA E SISTEMÁTICA





DESAFIOS COM O CONCEITO DE “MAL”¹

Challenges with the Concept of “Evil”

Anderson Yan²

RESUMO

Mal é um conceito elusivo atraindo diversas experiências negativas que necessitam ser diferenciadas devido suas diferentes causas. Ainda assim, o problema do mal parece ser um desafio para as perspectivas teístas apenas se o termo teodiceia for tomado no seu sentido original literal. O fato de existir uma certa resistência em adotar o termo “mal” para fazer referência a determinados comportamentos reprováveis não deve excluir a sua força retórica na construção de cosmovisões.

Palavras-chave: Mal. Teodiceia. Sofrimento. O problema do mal.

¹ Artigo recebido em 8 de março de 2018, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 17 de agosto de 2018, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Anderson Yan, MDiv e MTh in Biblical Theology (STSC); PGCert in Theology of Transformation (LST, University of Middlesex); MA in Biblical Studies (Heythrop College, University of London); AKC (KCL); candidato a PhD in OT Studies (KCL). Awards: KCL Theological Trust; St. Luke’s College Foundation; The Foundation of St. Matthias; The Mylne Trust. Anderson leciona no KCL como assistente e no ensino à distância da Foundation Academy Amsterdam. Associate Fellow da Higher Education Academy e membro da AIAS, EABS, ETS, FEET, IOSCS, OTSEM, SBL and SOTS. Foi pastor associado da igreja presbiteriana chinesa em São Paulo e Abbey Road Baptist Church em Londres. E-mail: anderson.yan@kcl.ac.uk.

ABSTRACT

Evil is an elusive concept, which attracts diverse negative experiences that need to be distinguished due to their different causes. Yet “the problem of evil” seems a challenge for theistic perspectives only if the term is taken in its literal original sense. The fact that there is a certain resistance in adopting the term “evil” to address certain unaccepted behaviours should not exclude its powerful rhetoric in the constructions of worldviews.

Keywords: *Evil. Theodicy. Suffering. The problem of evil.*

INTRODUÇÃO

A ideia do “mal”³ é um conceito extremamente elusivo pois, apesar de estar presente no cotidiano através das tragédias que ocorrem diariamente por meio de circunstâncias diversas (em maiores ou menores proporções⁴) que são frequentemente de alguma forma associadas com a experiência do mal⁵, é consideravelmente difícil de chegar a um consenso sobre a sua definição uma vez que esse conceito é razoavelmente disputado entre os estudiosos das mais diversas áreas⁶. Alguns estudiosos fazem uso do termo de uma forma mais abrangente envolvendo questões relacionadas com “o problema do mal” introduzido pelas máximas enigmáticas que são frequentemente atribuídas a Epicuro:

Deus, inquit, aut vult, tollere mala et non potest; aut potest ei non vult; aut neque vult, neque potest; aut et vult et potest. Si vult et non potest, imbecillus est; quod in Deum non cadit. Si potest et non vult, invidus; quod seque alienum a Deo. Si neque vult, neque potest, et invidus et imbecillus est; ideoque neque Deus. Si vult et potest, quod solum Deo covenit, unde ergo sunt mala? aut eurilla non tollit? [Ou Deus quer eliminar o mal e não pode; ou ele pode e não quer. Ou ele não quer e não pode; ou ele quer e pode. Se ele quer e não pode, então ele é fraco e isso não corresponde ao ser de Deus. Se ele pode e não quer, então ele é invejoso e também isso

³ Dedico esse ensaio a minha querida esposa Rebecca J. Yan que me fez refletir profundamente sobre a questão do sofrimento humano. Esse artigo é resultado das aulas do módulo Thinking about evil, matéria da qual leciono em conjunto com a Doutora Clare Carlisle no King’s College London.

⁴ E.g., dor, morte, sofrimento, injustiça, epidemias, fome, guerra, opressão política e morte de inocentes etc.

⁵ A forma repentina e invasiva do mal na rotina do indivíduo afetando a harmonia da vida provoca o ser humano a buscar respostas sobre suas causas cf. SIWEK, Paul. **The philosophy of evil**. New York, NY: The Ronald Press Company, 1951, p. 15.

⁶ E.g., teologia, filosofia, psicologia, sociologia, política, bioquímica, linguística etc.

não corresponde ao ser de Deus. Se ele não pode e não quer, ele é invejoso e fraco e, portanto, não pode ser Deus. Se, porém, ele quer e pode, assim como é correspondente ao seu ser - de onde, então, procede o mal e por que Deus não o elimina?]⁷

Outros eruditos, porém, restringem o emprego do termo para os casos onde é possível atribuir atos de crueldade a agentes morais que podem ser responsabilizados por tais atos⁸. Assim, o problema do mal parece ser um desafio atrelado às perspectivas teístas nas suas formas mais variadas (e.g., cristianismo, judaísmo e, talvez, o islamismo) se for levado em consideração que o teísmo tem a responsabilidade de apresentar uma resposta racional para a coexistência de Deus ao lado da presença do mal no mundo⁹. Daí o surgimento do termo “teodicéia” (formado pelas duas palavras gregas θεος e δικε), cunhado pela primeira vez por Leibniz em 1710 com o objetivo de tentar explicar a justiça de Deus diante da presença do mal, não obstante o termo não estar presente na Bíblia¹⁰.

⁷ LACTANTIUS. **De ira Dei**. 13.19 cf. HECK, Eberhard & Gudrun Schickler (tradução e comentário). **Lucius Caelius Firmnianus Gennant Lactantius**. München & Leipzig: Göttliche Unterweisungen in Kurzform. 2001. Hume também faz referência desses *dictum* a Epicuro cf. HUME, David. **Dialogues concerning natural religion and other writings**. 2. ed. London: Penguin Books, 1779, p. 186.

⁸ Compare as diferenças entre a forma com que Davis usa o termo “mal” com o emprego do termo em Singer cf. DAVIS, Stephen T. Introduction. In: DAVIS, Stephen T. (Org.). **Encountering evil: live options in theodicy**. 2. ed.; Louisville, KY: Westminster John Knox, 2001, p. vii-xi e SINGER, Marcus G. The concept of evil. In: **Philosophy**, v. 79, n. 308, 2004, p. 185-214.

⁹ O teísmo defende o mundo criado por um ser onipotente, perfeito e bondoso cf. DAVIS, 2001, p. vii-xi. No islamismo a questão parece ser mais ambígua, pois apesar da tendência de privilegiar a transcendência de Deus ressaltando o controle e soberania absolutos de *Alah*, o Alcorão também faz referência a uma teologia retributiva de formas imediata e escatológica cf. *Surah* 2.24; 3.135; 4.80; 6.125; 29.1; 61.5 e CRAGG, Kenneth. **The house of Islam**. Belmont, CA: Dickenson, 1969, p. 16-17. Esse tipo de ambiguidade também é refletido na diversidade das tradições disponíveis nos textos bíblicos.

¹⁰ RICHARDSON, Alan. Theodicy. In: RICHARDSON, Alan e BOWDEN, John (Orgs.). **A new dictionary of Christian theology**. London: SCM Press, 1983, p. 564 e MURPHY, Gannon. God and evil. part two: rational, philosophical, and theological issues. In: VOGEL, Steven R. **JMM**, v. 3, n. 2, 2006, p. 170. Embora o termo teodicéia esteja ausente na Bíblia, o livro de Jó é provavelmente o exemplo bíblico clássico da noção do sofrimento do justo e o livro que mais se aproxima de um texto filosófico na Bíblia Hebraica no sentido de tentar elaborar sobre a responsabilidade de Deus e a presença do mal no mundo com objetivo de responder indagações sobre o sofrimento do justo cf. OBERHÄNSLI, Gabrielle. Job in modern and contemporary literature on the background of tradition: sidelights of a Jewish reading. In: DELL, Katharine and

No entanto, mesmo que diversas circunstâncias possam estar ligadas por experiências negativas levando indivíduos a atribuir essas experiências ao mal, suas causas distintas sugerem uma classificação entre diferentes categorias, i.e., pelo menos duas formas diferentes de mal (“moral” e “natural”)¹¹. O mal moral (também é conhecido como “pecado”) se trata de mal práticas e condutas ou sofrimento causado por agentes morais enquanto o mal natural (ou “mal físico”) se trata de sofrimento ou aflições causadas por eventos naturais¹².

2 AUSÊNCIA DO BEM VERSUS DESENVOLVIMENTO

Sem sombra de dúvidas a tradição cristã dedicou tempo e reflexão considerável sobre o tema do mal, resultando em uma rica, longa e complexa herança na qual o mal é apresentado de forma paradoxal, pois ele é ao mesmo tempo apresentado como ponto de partida e talvez o maior desafio para a fé cristã¹³. Ainda assim a cruz, que contém a figura de um inocente sofrendo com sua execução por causa dos pecados da humanidade, canalizando esses aspectos justapostos na crucificação interpretando a Paixão como a solução para a natureza pecaminosa do homem (e.g. Gl 3.10-14). A fé cristã deixou como legado um profundo impacto – implícito e explícito – no pensamento filosófico do ocidente sobre o mal. Esse tipo de teodiceia, particularmente, parece evidente na teologia de Agostinho. A teologia agostiniana presume que a criação era originalmente boa uma vez que ela era derivada de Deus (*bonus autor et conditor e immutabile bonum*), porém a criação não era igual ao Criador (*quia neque illi aequalis, de nihilo facta esset*)¹⁴. Apesar de referências claras às narrativas da criação e da queda, é

KYNES, Will (Orgs.). **Reading Job intertextually**. London: Bloomsbury, 2013, p. 274.

¹¹ DAVIS, 2001, p. xi.

¹² DAVIS, 2001, p. xi.

¹³ Gn 1.1-2.3 a criação é apresentada como “boa” oriunda de Deus e Rm 5.12 relata a entrada do pecado no mundo.

¹⁴ AGOSTINHO. **De civitate Dei**. 12.1-5 cf. AUGUSTINE. **The City of God Against the Pagans: Book 12-15**. Vol. IV. Traduzido por Philip Levine. LCL 414, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988. A interpretação de Teske associa o “mal” ao “pecado” atribuindo a origem do mal ao “livre arbítrio” cf. AUGUSTINE of Hippo. On Genesis: two books on Genesis against the Manichees; and, on the literal interpretation of Genesis: an unfinished book. In: HALTON, Thomas P. (Ed.). (Trad.) TESKE, Roland J. **The Fathers of the Church 84**. Washington, DC: The Catholic University of

possível constatar que a teodiceia agostiniana foi profundamente influenciada por duas correntes (a filosofia platônica¹⁵ e reações contra o maniqueísmo). O platonismo considerava a perfeição de Deus diretamente relacionada a noção de “imutabilidade”¹⁶. Essa influência pode ser observada nos seguintes exemplos de Sócrates e Plotino: no diálogo com Glauco, onde Sócrates usa a analogia do sol para explicar a ideia de “bondade” que à semelhança do sol emana luz nos possibilitando a ver e sermos vistos¹⁷. Plotino, um intérprete de Platão, sugeriu que o mundo era uma emanção de Deus que através de um processo descendente onde a “bondade” e o “ser” foram gradualmente diminuindo à medida que o mundo se distancia de Deus¹⁸. Sob a influência do platonismo Agostinho igualou o “ser” com a “bondade” usando a ideia de “imutabilidade” como perfeição. Outra influência crucial na teologia agostiniana é a sua reação contra o maniqueísmo, que ensinava um dualismo onde os princípios de “bom” e “mal” coexistiam de forma independente desde a eternidade antes das trevas começarem a invadir o domínio da luz resultando em um conflito no qual se estenderia até a batalha final onde as trevas seriam confinadas de forma definitiva¹⁹ que Agostinho atribuiu a esperança da redenção²⁰. Esses conceitos contra o maniqueísmo foram cruciais na elaboração agostiniana de que o mal se trata de ausência de bondade, i.e., o “não-ser”, a “falta de autoexistência”, ponto cardinal da metafísica agostiniana²¹.

America Press, 1991, p. 146.

¹⁵ LOVEJOY, Arthur O. **The great chain of being: a study of the history of an idea.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1936, p. 80-98.

¹⁶ PLATÃO. **Res publica**, 2:381 cf. PREDDY, Chris Emlyn-Jones William (ed. & trad.). **Plato: Republic. Book 1 – 5.** Vol. I. LOEB 237. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.

¹⁷ PLATÃO. **Res publica**, 6:506-508 (veja acima).

¹⁸ PLOTINO. **Enneades.** 2 cf. PLOTINUS. **The Enneads. Abridged with an introduction and notes by John Dillon.** Traduzido por Stephen MacKenna. London: Penguin Books, 1991.

¹⁹ LILLIE, Betty Jane. Manichaeism. In: NOEL, David (Org.). **Anchor Bible dictionary.** Vol. 4. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 506-507.

²⁰ A noção agostiniana de redenção parece estar ligada a ideia de *o felix culpa*. E termo é mencionado de forma explícita na Missa Romana, **Exultet** para a noite de páscoa e frequentemente creditado a Agostinho e outros Pais da Igreja, embora a sua data e autoria sejam desconhecidas. Apesar da ausência de informação a respeito da sua origem, o conceito de *o felix culpa* ainda pode ser encontrado em AGOSTINHO, **Enchiridion de fide, spe, et caritate**, 8:27.

²¹ AGOSTINHO. **Civ.** 7:5-6 (veja acima, nota 14)

Leibniz, porém, extrapolou a metafísica Agostiniana propondo que “*cet univers dois être effectivement meilleur que tout autre univers possible*” usando a distinção entre quantidade e qualidade para negar que “*il y a plus de mal que de bien dans tout l’ouvrage de Dieu*”²². A sua afirmação sobre a impossibilidade de evitar o pecado, no entanto, beira o determinismo uma vez que ele menciona que “*la predetermination des événements par les causes est justement ce qui contribue a la moralité, aulieu de la détruire, & les auses inclinent la volonté, sans la necessiter*”.²³

Porém, a tradição cristã é significativamente diversa. Uma outra teodiceia distinta pode ser traçada a um outro Pai da Igreja anterior a Agostinho. Diferente da teodiceia agostiniana que tende a aliviar a culpa de Deus pelo pecado, Irineu procura racionalizar a responsabilidade de Deus em relação ao mal no mundo criado por Ele fazendo distinção entre os termos *εικων* e *ομοιωσις*. Segundo o bispo de Lion, *εικων* entende a humanidade como ser inteligente com a habilidade de se relacionar com Deus enquanto *ομοιωσις* retrata o ser humano com o potencial de ser aperfeiçoado pelo Espírito Santo²⁴. Enquanto a tradição agostiniana se espalhou na igreja ocidental, a tradição irineia difundiu-se na igreja oriental sob a figura de Clemente de Alexandria, que apresentou uma teologia desenvolvimentista que propunha que Adão era um ser inocente e imaturo como uma criança ao invés de ser um ser perfeito²⁵. Essa abordagem relacional apresenta um contraste visível em relação a perspectiva agostiniana: enquanto a teodiceia irineia aparenta uma relação mais entre Criador e criatura sem mencionar o seu foco escatológico, o ponto de vista agostiniano parece ser mais impessoal com o foco voltado ao passado. É importante observar, no entanto, que essa teodiceia desenvolvimentista também foi importada para o ocidente por meio de Schleiermacher que, de forma semelhante a Clemente, propôs um processo iluminador no qual a perfeição humana não estaria presente desde o início, mas poderia ser alcançada por meio do despertar da *religiöse Bewußtsein* durante a jornada espiritual do indivíduo²⁶.

²² LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Essais de Theodicee sur la bonté de Dieu, la liberté de l’homme, et l’origine du mal**. Vol. 1. Amsterdam: Isaac Troyel, 1710, p. 624-37.

²³ LEIBNIZ, 1710, p. 624-37.

²⁴ IRINEU. **Adversus haereses**. 5:6.1 cf. Irenæus. **Against Heresies**. Edited by Anthony Uyl. Woodstock, ON: Devoted Publishing, 2018.

²⁵ CLEMENTE. **Stromateis**. 3. 69.1-4 cf. FRÜCHTEL, Ludwid (ed.). **Clemens Alexandrinus: Stromata Buch I – VI**. Vol. 2 GCSEJ. Berlin: Akademie-Verlag, 1985.

²⁶ SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der**

Recentemente essa forma de teodiceia foi resgatada por Hick, que faz distinção entre a natureza humana da animal argumentando que o ser humano é provido de liberdade moral e responsabilidade, qualidades atribuídas ao εικὼν divino dentro do ser humano feito a *imago Dei*. No entanto, de forma parecida a Irineu, Hick argumenta que o ser humano é apenas potencialmente o ομοιωσις projetado por Deus, pois isso só pode ser alcançado ao final do desenvolvimento da relação com o Criador devido a sua “distância epistêmica”²⁷.

Apesar de claros pontos de divergência entre os modelos agostiniano e irineu, é possível encontrar pontos de convergência, uma vez que ambos concordam sobre a perfeição do universo, bem com o reconhecimento da responsabilidade final de Deus em relação a presença do mal no mundo ao lado da noção de *o felix culpa*²⁸. Ambos também não negam a existência de um mal pessoal e argumentam que a limitação da lógica humana não permite a compreensão da contradição da coexistência de onipotência de Deus e o mal²⁹. No entanto, mesmo que existam pontos em comum entre os dois modelos de teodiceia, ambos sofreram objeções dentro e fora do contexto cristão. Kierkegaard, por exemplo, rejeitou a distinção agostiniana entre pecado original e a natureza pecaminosa da raça humana propondo que *Angst* resulta da resposta humana ao *Frihed*³⁰. O modelo de Irineu também sofreu duras críticas. Kane apontou para a falta de refinamento na distinção dos diferentes tipos de mal ao lado da contradição inferida na noção de “distância epistêmica” sugerida por Hick³¹, enquanto Mesle não se convenceu com a sugestão que relaciona a liberdade com a moralidade³².

Até aqui a noção do mal foi discutida dentro de uma estrutura

evangelischen kirche im zusammenhange dargestellt. Berlin: Drud und Berlag von Georg Reimer, 1830, p. 313.

²⁷ HICK, John. **Evil and the God of love.** Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010, p. 217-18, 280-91.

²⁸ HICK, 2010, p. 238-40.

²⁹ HICK, 2010, p. 238-40.

³⁰ KIERKEGAARD, Søren. **Begrebet Angst:** En simpel psychologik-paapegende Overveelse I Retning af dogmatiske Problem om Arvesynden af Vigilius Haufniensis. Copenhagen: C.A. Reitzel, 1855, p. 41-47.

³¹ KANE, G. Stanley. The failure of the soul-making theodicy. In: **IJPR** v. 6, n. 1, 1975, p. 2-22.

³² MESLE, C. Robert. The problem of genuine evil: a critique of John Hick’s theodicy. In: **JR** v. 66, n. 4, 1986, p. 426-30.

condicionada pela grande narrativa da fé cristã. Porém, uma vez que essa narrativa começa a perder o seu espaço central absorvido na pluralidade, novas alternativas começam a emergir. Esse processo de erosão provavelmente começa com a Renascença, passando pela Reforma e continua com a Revolução Científica, na qual a interpretação bíblica deixa de ser monopolizada pela Igreja Católica Romana e novas áreas de conhecimento e valores começam a surgir³³.

3 SOFRIMENTO

Como foi mencionado anteriormente, a correlação entre liberdade e moralidade foi objeto de duras críticas entre ateístas morais, uma vez que estes encontram bastante dificuldade em aceitar o sofrimento sem sentido como um passo necessário antes de alguém poder usufruir da alegria eterna conforme apontado por Surin³⁴. Um dos efeitos significativos dessas mudanças paradigmáticas foi a importância da subjetividade que pode ser observada no trabalho de Espinoza, que rejeita a ideia de uma verdade objetiva em relação a realidade do bem e do mal, reduzindo ambos conceitos para a esfera da subjetividade ao atribuir os dois conceitos à percepção do indivíduo (*qui mentem Auctoris illius operis*)³⁵, embora ainda reconheça a validade dessas noções para a construção racional (*intelligere*)³⁶.

Um outro impacto considerável pode ser visto na abertura para cosmovisões não ocidentais, das quais particularmente o hinduísmo e o budismo tiveram influências evidentes na reflexão de Schopenhauer sobre o sofrimento³⁷. Enquanto o hinduísmo nega a realidade do mal que o considera como uma ilusão (*māyā*)³⁸, o budismo entende o mal como parte da jornada espiritual do

³³ HENRY, John. **The Scientific Revolution and the origins of modern science**. Studies in European History. 3. ed. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008, p. 9-13.

³⁴ SURIN, Kenneth. Theodicy? In: **HTR** v. 76, n. 2, 1983, p. 238-40.

³⁵ ESPINOZA, 4. Prefácio cf. SPINOZA, Baruch e Jan Pieter Nicolaas Land. **Ethica**, Hague: Ordine Geometrico, 1905.

³⁶ ESPINOZA, 1905, 4.26-27.

³⁷ SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga und Paralipomena**: kleine philosophische Schriften. Vol. 2. Berlin: A. W. Hayn, 1851, p. 316.

³⁸ BILIMORIA, Purushottama. Karma's Suffering: a mīmāṃsā solution to the problem of evil. In: BILIMORIA, Purushottama; PRABHU, Joseph e SHARMA, Renuka (Orgs.). **Indian ethics: classical traditions and contemporary challenges**. Vol. 1. Burlington,

indivíduo no qual o sofrimento e a dor (*dukkha*) necessitam ser primeiramente compreendidos e a origem (*samudaya*) deve ser abandonada antes de prosseguir para o estágio da suspensão do *dukkha* (*nirodha*) e finalmente atingir o caminho da cessação (*magga*)³⁹. Diferentemente do teísmo, os sistemas ateístas não encontram a mesma pressão de ter que lidar com o “problema do mal”, porém estes tentam encontrar respostas em relação ao significado do sofrimento e suas conexões com o propósito da vida e o seu valor. Schopenhauer tenta justificar o ateísmo negando que o mundo “*als des gelungenen Werkes eines allweisen, allgütigen und das bei allmächtigen Wesens*” com base na “*das Elend*” no mundo e “*Unvollkommenheit und selbst burlaske Verzerrung der vollendetesten ihrer Erscheinungen, der menschlichen*”⁴⁰. A abordagem de Schopenhauer reverte a noção agostiniana do mal propondo que todo *Genuss* é negativo enquanto *Schmerzen* é positivo, uma vez que a fome pela alegria no ser humano apenas atenua aquilo que as pessoas chamam de mal. Por esse motivo Schopenhauer sugere que a solução para o sofrimento se encontra no ascetismo⁴¹. Embora Nietzsche apresente semelhança com o seu antecessor, compartilhando da visão ateísta (*Gott ist tot!*) e dedicando atenção especial à questão do sofrimento, ele diverge em relação a *Selbstlosigkeit* ao considerar o ascetismo como uma tendência niilista no pensamento ocidental e relativizando a moralidade, reduzindo a um instrumento de imposição dos mais fortes sobre os mais fracos⁴². Dessa forma, para Nietzsche, *Pein* é o maior problema, uma vez que ele argumenta que a cultura exerce um papel fundamental na criação de significado para o sofrimento⁴³.

Mesmo que não se concorde com os pressupostos ateístas, é possível reconhecer o valor de algumas dessas contribuições. Isso porque ideias como a questão da subjetividade introduzida por Espinoza em relação ao papel que o ambiente pode exercer na percepção do indivíduo, a sugestão de Schopenhauer sobre o ascetismo como forma de amenização do sofrimento e até mesmo

VT: Ashgate, 2007, p. 173.

³⁹ HARVEY, Peter. **An introduction to Buddhism: teachings, history and practice**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 52-87.

⁴⁰ SCHOPENHAUER, 1851, p. 254.

⁴¹ SCHOPENHAUER, 1851, p. 257-59; 471-82.

⁴² NIETZSCHE, Friedrich. **Die fröhliche Wissenschaft**. (“la gaya scienza”). 2. ed. Leipzig: E. W. Fritzsche, 1887, p. 137, 153-55.

⁴³ NIETZSCHE, 1887, p. 131-32.

a observação de Nietzsche, que entende que a moralidade funciona como instrumento de controle sobre os mais fracos, todas encontram certo respaldo em algumas vertentes da fé cristã e até mesmo em algumas tradições bíblicas.

4 COMPORTAMENTO

Não seria exagero dizer que o debate sobre o mal transcende a sua casa tradicional (geralmente as áreas de teologia, religião e filosofia), pois recentemente disciplinas tradicionalmente não envolvidas com essa questão como a psicologia, sociologia e até mesmo neurociência têm demonstrado interesse nessa questão, embora alguns especialistas demonstrem resistência em relação ao uso do termo mal, uma vez que ele oblitera aspectos palpáveis que podem influenciar o comportamento inaceitável de alguns indivíduos. Nesse sentido, dois estudos importantes que surgiram no início da década de 60 caminham para essa direção. O exemplo clássico na área da psicologia foi conduzido por Milgram através de um experimento onde ele tentou explicar o genocídio causado durante o Holocausto da Segunda Guerra como “obediência as autoridades”⁴⁴. Praticamente durante o mesmo período Arendt apresentou a noção de “banalidade do mal” que procura desconstruir o estereótipo de pessoas más propondo que longe de ser um fanático ideológico ou sociopata, Eichmann era uma pessoa normal dirigida por suas ambições de ser promovido sem se preocupar com a consequência dos seus atos⁴⁵. Consequentemente, esse tipo de abordagem aumentou o foco no papel do ambiente em relação o mal. Mais inclinado para a política social, Zimbardo partiu para uma direção diferente propondo uma “psicologia do mal”, a qual rejeita a ideia que indivíduos sejam maus, sugerindo que determinados ambientes contribuem para a transformação de pessoas boas/normais em maus indivíduos⁴⁶. Não obstante, parece que uma solução definitiva entre natureza e criação ainda está longe de ser encontrada, considerando que na tentativa de explicar comportamentos agressivos

⁴⁴ MILGRAM, S. Behavioural study of obedience. In: **JASP** V. 67, n. 4, 1963, p. 371-78.

⁴⁵ ARENDT, Hannah. **Eichmann in Jerusalem**. A report on the banality of evil. 2. ed. New York, NY: Viking Press, 1964, p. 21-35.

⁴⁶ ZIMBARDO, P. G. Zimbardo. A situationist perspective on the psychology of evil: understanding how good people are transformed into perpetrators. In: MILLER, A. G. (Org.). **The social psychology of good and evil**. New York, NY: Guilford Press, 2004, p. 21-50.

e violentos alguns cientistas parecem ter chegado a conclusões parecidas com a noção agostiniana do mal, creditando a propensão humana para comportamentos cruéis à “falta de empatia”, substituindo o termo mal por “corrosão da empatia”⁴⁷. Midgley reforça a noção agostiniana do mal moral como déficit de bondade; porém, diferentemente de Agostinho, esta procura deixar Deus e outras causas sociais externas de lado, resistindo à antítese entre causas sociais externas e individuais, embora sem excluir a possibilidade de que causas sociais possam ter um papel no comportamento do indivíduo⁴⁸.

5 LINGUAGEM

Mesmo que exista certa resistência em alguns círculos acadêmicos em relação ao uso do termo mal, uma questão que surge é o poder da sua força retórica. Isso pode ser observado na memória da nossa história recente possivelmente por causa da sua eficácia que é evidenciada pelo uso recorrente em diversas gerações, revelando o papel da linguagem na construção de ideias dentro de uma comunidade. Por exemplo, o surgimento do termo “eixo do mal” depois do 11 de Setembro é provavelmente a memória mais vívida da força retórica da linguagem, uma vez que esse termo reforça um discurso carregado da ideologia neoconservadora da administração Bush na política global. Ideologias contrárias, de modo semelhante à Guerra Fria, passaram a ser demonizadas e rotuladas como mal, resgatando a antiga prática de desconstrução do inimigo ao fazer alusão ao “eixo do poder” (formado pela Alemanha, Itália e Japão na Segunda Guerra Mundial)⁴⁹. Nesse sentido, parece que Kierkegaard já tinha previsto o poder da linguagem ao chamar a atenção para a função dela na fabricação de uma cosmovisão na sua interpretação da Queda, sugerindo que a língua constrói o destino moral da humanidade⁵⁰.

⁴⁷ BEN-COHEN, Baron. **Zero degree of empathy**: a new theory of human cruelty and kindness. London: Allen Lane, 2011 e REISEL, Daniel. Towards a neuroscience of morality. In: GAVRIELIDES, Theo. **The psychology of restorative justice**: managing the power within. Burlington, VT: Ashgate, 2015, p. 49-63.

⁴⁸ MIDGLEY, Mary. **Wickedness**: a philosophical essay. 2. ed. London: Routledge, 2001, p. 15-16.

⁴⁹ CHAN, Stephen. **Out of evil**: new international politics: an old doctrine of war. I. B. Tauris: New York, NY, 2005, p. 3-34.

⁵⁰ KIERKEGAARD, 1855, p. 41-47.

Nesse sentido, a contribuição de Ricoeur em relação ao uso da linguagem na compreensão do mal parece ser significativamente promissor oferecendo algumas pistas. Um dos problemas centrais identificados por Ricoeur nas propostas apresentadas até agora é que a maior parte delas parecem tentar satisfazer uma certa lógica cartesiana que está embutida no sentido original do termo teodiceia na qual o princípio da não-contradição é um requisito⁵¹ sem considerar que:

un état ‘onto-théologique’ de la pensée qui n’a été atteint qu’à un stade avancé de la spéculation et sous la condition d’une fusion entre le langage confessionnel de la religion et un discours sur l’origine radicale de toutes choses, à l’époque de la métaphysique pré-kantienne.⁵²

Assim, na tentativa de avaliar o prospecto do mal na humanidade e sua realidade, Ricoeur argumenta que:

il importe d’abord de prendre la mesure de l’ampleur et de la complexité du problème avec les ressources d’une phénoménologie de l’expérience du mal, puis de distinguer les niveaux du discours parcourus par la spéculation sur l’origine et la raison d’être du mal, enfin de relier le travail du penser suscité par l’énigme du mal aux réponses relevant de l’action et du sentiment.⁵³

No primeiro passo Ricoeur faz o diagnóstico percebendo que o termo mal é empregado para fazer referência a fenômenos distintos, dos quais seus significados variam desde “*le blame et lamentation*”⁵⁴. “*Le mal moral*” – *le péché en langage religieux*” reprova certos comportamentos, resultando naquele que se comporta de forma reprovável declarado como “*coupable*” merecendo “*punition*”⁵⁵. Embora “*souffrance*” possa ser “*punition*”, sofrimento difere do pecado uma vez que o sofrimento deriva de causas diferentes já que no primeiro caso o objeto do sofrimento é “*le fait victime*” ao invés de culpado⁵⁶. Esse aglomerado de experiências distintas manifesta “*de manière multiple la condition humaine*

⁵¹ Nesse ponto até mesmo os sistemas ateístas tentam satisfazer essa demanda eliminando uma das variantes (Deus) da equação.

⁵² RICOEUR, Paul. **Le mal**: un défi à philosophie et à la théologie. 3. ed. Genève : Labor et Fides, 2004, p. 20.

⁵³ RICOEUR, 2004, p. 21.

⁵⁴ RICOEUR, 2004, p. 21-26.

⁵⁵ RICOEUR, 2004, p. 22-23.

⁵⁶ RICOEUR, 2004, p. 22-23.

dans son unite profonde” da qual Ricoeur atribui a área da “*herméneutique des symbols et de mythes*” uma vez que eles providenciam “*la première médiation langagière à une expérience confuse et muette*”⁵⁷.

Essa multiplicidade de experiências que orbita em torno da ideia do mal leva Ricoeur ao segundo passo onde ele reconhece que é impossível abordar o tema da teodiceia em seu sentido literal, no qual “*non-contradiction et de totalisation systématique*” são demandadas sem considerar cinco níveis de discursos: “*du mythe*”; “*la sagesse*”; “*la gnose et de la gnose anti-agnostique*”; “*la Théodicée*” e “*la dialectique “brisée”*”⁵⁸. O primeiro nível de discurso converge de forma ambivalente o melhor e o pior aspectos da condição humana, unificando experiências desconexas dentro de um único quadro narrativo⁵⁹. Porém a natureza altamente abstrata e especulativa do mito em relação a origem do mal é ineficiente para dar respostas sobre sofrimento que é geralmente expresso na forma “*la lamentation*” que eventualmente se torna em “*fait plainte*” no estágio sapiencial⁶⁰. No entanto, “*la retribution*” somente responde “*souffrance*” de forma parcial, atribuindo o sofrimento à ordem moral uma vez que alguns aspectos do sofrimento (e.g., o sofrimento do inocente) não podem ser explicados em termos de moralidade⁶¹. O terceiro nível ocupa um lugar transicional entre sabedoria e teodiceia, sendo marcado por debates teológicos (e.g., livre arbítrio, pecado original e graça divina) que visavam responder como o mal penetrou no

⁵⁷ RICOEUR, 2004, p. 21-26. O espaço desse ensaio não me permite discutir a condição humana e o papel mediador da língua e o uso dos símbolos e mitos na expressão das experiências humanas em relação ao mal. Sobre esses aspectos a leitura de RICOEUR, Paul. **L’homme faillible**. 2. ed. Paris: Aubier – Éditions Mouton, 1968 e RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté: finitude et culpabilité**. La symbolique du mal. Philosophie de l’esprit. Paris: Mouton, 1960.

⁵⁸ RICOEUR, 2004, p. 26.

⁵⁹ RICOEUR, 2004, p. 27-33. O conhecimento do “bem” e do “mal” ao lado do “engano”, “mentira” e “sofrimento” são incorporados dentro da mesma narrativa da Queda (Gn 3.1-24).

⁶⁰ RICOEUR, 2004, p. 27-33.

⁶¹ RICOEUR, 2004, p. 27-33. Apesar das referências frequentes em relação ao tema do sofrimento no livro de Jó, do qual seus amigos atribuem a causas retributivas, o livro questiona a sabedoria representada pelos amigos de Jó, apresentando desafios em relação a sua inocência. Entretanto, mesmo assim o livro parece incapaz de responder a causa do sofrimento do justo, pois apenas menciona de forma enigmática que o ser humano é incapaz de entender o divino cf. CLINES, David J. A. **Job 1 - 20**. Dallas, TX: Word Books, 1989, p. xxxvii-xlvi.

comportamento humano (*unde malum faciamus?*)⁶². O tamanho da importância da explicação sobre a penetração do mal no comportamento pode ser observado na tentativa de correlacionar os seguintes temas: “*la sphere de l’acte, de la volonté, du libre arbitre*”⁶³. Porém, a ideia de “*l’impuissance de l’homme face à la puissance démoniaque d’un mal déjà là*” com o objetivo de oferecer uma coerência doutrinária do “*péché originel*” resultou no sacrifício da liberdade humana e da sua responsabilidade sem apresentar respostas satisfatórias para o sofrimento injusto⁶⁴. O discurso da teodiceia é condicionado por uma argumentação apologética que procura isentar Deus de qualquer responsabilidade em relação a presença do mal no mundo. No entanto, os requisitos da não-contradição foram cumpridos com sucesso apenas dentro da configuração ontoteológica e, mesmo assim, a realidade do mal (especialmente representada no sofrimento dos inocentes) continua sendo um desafio para essa linha de argumento⁶⁵. O último tipo de discurso considera que uma reflexão produtiva deve abrir mão da “*la totalisation systématique*” aceitando a realidade do mal, a bondade de Deus e sua criação como irreconciliáveis recorrendo a dialética de Barth⁶⁶.

⁶² RICOEUR, 2004, p. 34-38. A disputa entre Agostinho e os maniqueístas descarta de maneira enfática o dualismo metafísico que ensinava que o “bem” e o “mal” são forças eternas independentes em conflito dando luz a doutrina clássica do livre arbítrio discutida em detalhe no *De libero arbitrio*.

⁶³ RICOEUR, 2004, p. 34-38.

⁶⁴ Porém, a explicação agostiniana de como o mal entrou no mundo através do pecado original acabou iniciando um outro debate com Pelágio que mais tarde argumentou que o homem poderia ganhar a salvação através do cumprimento da lei, algo que foi contraposto em *De Gratia et libero arbitrio*.

⁶⁵ RICOEUR, 2004, p. 38-50. Leibniz é a figura que melhor se enquadra dentro desse discurso com seu uso de linguagem religiosa mesclada com termos metafísicos com objetivo de harmonizar a natureza de Deus com o livre arbítrio e a existência do mal.

⁶⁶ RICOEUR, 2004, p. 51-55. Diferente do aspecto negativo da experiência humana, para Barth o termo “*das Nichtige*” sugere que o “nada” deve ser considerado como algo hostil a Deus ao invés de deficiência e privação refletindo parâmetros que transcendem o entendimento clássico de teodiceia. Seu uso do nexa da doutrina cristológica, propondo que Cristo conquistou o “nada”, sugere que aqueles que creem nele não estão mais sujeitos ao efeito do mal, embora Barth reconheça que existe uma realidade dialética na distância entre a vitória e a vitória manifesta. Um outro aspecto importante em relação à noção barthiniana de “nada” é que ela se opõe a eleição bíblica representando a resistência de Deus, onde o mal existe apenas como objeto da ira divina, embora Deus continue sendo o Senhor do “nada” dentro da lógica kierkekegardiana paradoxal que apresenta o aspecto ambivalente de Deus que difere da lógica da não-contradição presente nas teodiceias clássicas cf. BARTH, Karl. **Die kirchliche Dogmatik**: Die

No último passo Ricoeur tenta incorporar o processo reflexivo sobre o mal na ação (no senso moral e político) e na transformação espiritual do indivíduo, ressaltando que esse exercício é um processo contínuo, no qual muitas questões emergem do enigmático problema do mal e que requerem respostas que façam dessa reflexão algo útil, gerando medidas práticas na ética e na política que sirvam para prevenir o mal concretizado na forma de sofrimento resultante de ações humanas⁶⁷. Porém, também é preciso reconhecer que nem sempre o sofrimento deriva de ações humanas, uma vez que ele também pode ser resultado de causas naturais nas quais a transformação espiritual dos sentimentos do indivíduo ocorrem⁶⁸.

6 CONCLUSÃO

Devido ao fato do conceito “mal” se tratar de diversas experiências negativas, é preciso estar atento às suas diferentes causas bem como é necessário reavaliar o problema do mal, reconhecendo a dificuldade da aplicação original e literal do termo teodiceia. Também é necessário observar o papel retórico do uso da linguagem do mal na construção da cosmovisão do indivíduo. Uma abordagem sobre o mal voltada para a igreja não pode se esquecer da dimensão pastoral apesar de que essa preocupação com o indivíduo não deve ser desinformada historicamente, culturalmente e intelectualmente, especialmente em tempos onde as informações se encontram paradoxalmente mais acessíveis, porém ao mesmo tempo confusas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann in Jerusalem**. A report on the banality of evil. 2ª ed.; New York, NY: Viking Press, 1964.
- AUGUSTINE. **The City of God Against the Pagans: Book 12-15**. Vol. IV. Traduzido por Philip Levine. LCL 414, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1988.
- AUGUSTINE of Hippo. **On Genesis**: two books on Genesis against the Manichees; and, on

Lehre von der Schöpfung. 3. Zürich: Theologischer Verlag, 1992, p. 327-425.

⁶⁷ RICOEUR, 2004, p. 56-60.

⁶⁸ RICOEUR, 2004, p. 60-61.

- the literal interpretation of Genesis: an unfinished book editado por HALTON, Thomas P. e traduzido por TESKE, Roland J. *The Fathers of the Church* 84. Washington, DC: The Catholic University of America Press, 1991.
- BARTH, Karl. **Die kirchliche Dogmatik**: Die Lehre von der Schöpfung. 3. Zürich: Theologischer Verlag, 1992.
- BEN-COHEN, Baron. **Zero degree of empathy**: a new theory of human cruelty and kindness. London: Allen Lane, 2011.
- BILIMORIA, Purushottama, Karma's suffering: a mīmāṃsā solution to the problem of evil. In: BILIMORIA, Purushottama; PRABHU, Joseph e SHARMA, Renuka. **Indian ethics**: classical traditions and contemporary challenges vol. 1. London/New York, NY: Routledge Taylor & Francis Group, 2016, p. 171-89.
- CHAN, Stephen. **Out of evil**: new international politics: an old doctrine of war. I. B. Tauris: New York, NY/ London, 2005.
- CLINES, David J. A. **Job 1 – 20**. WBC 17; Dallas, TX: Word Books, 1989.
- CRAGG, Kenneth. **The house of Islam**. Belmont, CA: Dickenson, 1969.
- DAVIS, Stephen T. Introduction. In: DAVIS, Stephen T. (Org.). **Encountering evil**: live options in theodicy. 2ª ed.; Louisville, KY/London/Leiden: Westminster John Knox, 2001, p. vii-xiii.
- FRÜCHTEL, Ludwid (ed.). **Clemens Alexandrinus: Stromata Buch I – VI**. Vol. 2 GC-SEJ. Berlin: Akademie-Verlag, 1985.
- HARVEY, Peter. **An introduction to Buddhism**: teachings, history and practice. 2ª ed.; Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- HECK, Eberhard & Gudrun Schickler (tradução e comentário). **Lucius Caelius Firmianus Gennant Lactantius**. München & Leipzig: Göttliche Unterweisungen in Kurzform. 2001.
- HENRY, John. **The scientific revolution and the origins of modern science**. Studies in European history. 3ª ed.; New York, NY: Palgrave Macmillan, 2008.
- HICK, John. **Evil and the God of love**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010.
- HUME, David. **Dialogues concerning natural religion and other writings**. 2ª ed.; London: Penguin Books, 1779.
- IRENÆUS. **Against Heresies**. Edited by Anthony Uyl. Woodstock, ON: Devoted Publishing, 2018.
- KANE, G. Stanley. The failure of the soul-making theodicy. In: **International journal for Philosophy of religion** v. 6, n. 1, 1975, p. 1-22.
- KIERKEGAARD, Søren. **Begrebet Angest**: En simpel psykologik-paaepgende Overveelse I Retning af dogmatiske Problem om Arvesynden af Vigilius Haufniensis. Copenhagen: C.A. Reitzel, 1855.
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Essais de theodicee sur la bonté de Dieu, la liberté de l'homme, et l'origine du mal** vol. 1. Amsterdam: Isaac Troyel, 1710.
- LILLIE, Betty Jane. Manichaeism. In: **Anchor Bible Dictionary**. Vol. 4. New York, NY: Doubleday, 1992, p. 502-10.
- LOVEJOY, Arthur O. **The great chain of being**: a study of the history of an idea. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 1936.
- MESLE, Robert, C. The problem of genuine evil: a critique of John's Hick's theodicy. In: **The Journal of religion** v. 66, n. 4, 1986, p. 412-30.
- MIDGLEY, Mary. **Wickedness**: a philosophical essay. 2ª ed.; London/New York, NY: Routledge, 2001.
- MILGRAM, S. Behavioural study of obedience. **Journal of abnormal and social psychology**. v. 67, n. 4, 1963, p. 371-78.

- MURPHY, Gannon. God and evil. part two: rational, philosophical, and theological issues. In: VOGEL, Steven R. **The journal of modern ministry**, v. 3, n. 2, 2006, p. 170.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Die fröhliche Wissenschaft**. (“la gaya scienza”). 2ª ed.; Leipzig: E. W. Fietzsch, 1887.
- OBERHÄNSLI, Gabrielle. Job in modern and contemporary literature on the background of tradition: sidelights of a Jewish reading. In: DELL, Katharine e KYNES, Will. **Reading Job intertextually**. LHB/OTS 574; New York, NY/London: Bloomsbury T&T Clark, 2013, p. 272-84.
- PLOTINUS. **The Enneads. Abridged with an introduction and notes by John Dillon**. Traduzido por Stephen MacKenna. London: Penguin Books, 1991.
- PREDDY, Chris Emlyn-Jones William (ed. & trad.). **Plato: Republic. Book 1 – 5**. Vol. I. LOEB 237. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2013.
- REISEL, Daniel. Towards a neuroscience of morality. In: GRAVIELIDES, Theo (Org.). **The psychology of restorative justice: managing the power within**. Farnham/Burlington, VT: Ashgate, 2015, p. 49-63.
- RICHARDSON, Alan. Theodicy. In: RICHARDSON, Alan e BOWDEN, John (Orgs.). **A new dictionary of Christian theology**. London: SCM Press, 1983, p. 564-66.
- RICOEUR, Paul. **Le mal: un défi à philosophie et à la théologie**. 3ª ed.; Genève: Labor et Fides, 2004.
- RICOEUR, Paul. **Philosophie de la volonté: finitude et culpabilité**. La symbolique du mal. Philosophie de l'esprit. Paris: Montaigne, 1960.
- RICOEUR, Paul. **L'homme faillible**. 2ª ed. Paris: Aubier – Éditions Montaigne, 1968.
- SCHEEL, Otto (ed.). **Augustin Enchiridion**. SAKDQ. 2nd ed. Tübingen: Mohr, 1968.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der evangelischen kirche im zusammenhange dargestellt**. Berlin: Drud und Berlag von Georg Reimer, 1830.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga und Paralipomena: kleine philosophische Schriften**. vol. 2; Berlin: A. W. Hayn, 1851.
- SINGER, Marcus G. The concept of evil. In: **Philosophy**. v. 79, n. 308, 2004, p. 185-214.
- SPINOZA, Baruch e Jan Pieter Nicolaas Land. **Ethica**, Hague: Ordine Geometrico, 1905.
- SIWEK, Paul. **The philosophy of evil**. New York, NY: The Ronald Press Company, 1951.
- SURIN, Kenneth. Theodicy? In: **The Harvard Theological review**. v. 76, n. 2, 1983, p. 225-47.
- ZIMBARDO, P. G. A situationist perspective on the psychology of evil: understanding how good people are transformed into perpetrators. In: MILLER, A. G. **The social psychology of good and evil**. New York, NY: Guilford Press, 2004, p. 21-50.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- ADAMS, Marylin McCord. Good and evil: polarities of a problem. In: **Philosophical studies**, v. 69, n. 2/3, p. 167-86.
- CAMUS, Albert. **La peste**. Paris: Editions Gallimard, 2012.
- CHRYSSIDES, George D. Evil and the problem of God. In: **Religious studies**, v. 23, n. 4, p. 467-75.
- DOSTOEVSKY, Fyodor. **The Brothers Karamazov**. Trad. em inglês por GARNETT, Constance. Mineola, NY: Dover publications, 2005.
- EAGLETON, Terry. **On evil**. New Haven, NY: Yale University Press, 2010.

- ELLIS, Bred Easton. **Glamorama**. London: Picador, 1998.
- GOLDING, William. **Lord of the flies**. London: Faber and Faber, 1954.
- HESSE, Hermann Karl. **Siddhartha**. Berlin: S. Fischer, 1922.
- KAHN, Paul. **Out of Eden: Adam and Eve and the problem of evil**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.
- KATES, Carol. A Nietzschean theodicy. In: **International journal for philosophy of religion**, v. 55, n. 2, 2004, 69-82.
- KEARNEY, Richard. Evil, monstrosity and the sublime. In: **Revista Portuguesa de filosofia**, v. 57, 2001, p. 485-502.
- KELLER, James A. The hiddenness of God and the problem of evil. In: **International journal for philosophy of religion**, v. 37, n. 1, 1995, p. 13-34.
- ORWELL, George. **Animal farm: a fairy story**. London: Secker and Warburg, 1945.
- PATTISON, George. **A short course in the philosophy of religion**. London: SCM Press, 2001.
- SCHOTT, Robin May. Feminist philosophy and the problem of evil. In: **Hypatia**, v. 18, n. 1, 2003, p. 1-9.
- SCHOTT, Robin May. Review of Neiman, evil in modern thought. In: **Hypatia**, v. 18, n. 2, 2003, p. 222-26.
- STEVENSON, Robert Louis. **The Strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Longman, Green and CO.: London, 1886.